

A DEMOCRACIA

ORGÃO REPUBLICANO

REDACÇÃO

32 Rua Gonçalves Dias 32

RIO DE JANEIRO, 12 DE JULHO DE 1887

ADMINISTRAÇÃO

32 Rua Gonçalves Dias 32

ANNO II

Publica-se tres vezes por mez

N. 32

ASSIGNATURAS

Anno. 65000

Rio, 12 de Julho de 1887.

CHRONICA POLITICA

A realeza precisa quanto antes ser banida do Brasil.

Prova a nossa historia que ella tem sido não só imprestável, inútil, mas nociva ao paiz.

Muito mais e melhor teríamos conseguido no caminho da civilização sem ella e sem o appendice de males miserias que nos affligem e tem sido a condição de sua existencia entre nós.

Estorvo perpetuo à marcha progressiva da nação, abafador de suas tendencias e aspirações generosas, por sua índole egoística e retardataria; a realeza é a escola funesta onde se educaram os estadistas que a tem servido no governo, e como ella, egoistas, retardatarios e tacanhos.

Nada esperamos da realeza a bem da patria; nem acreditamos que alguém sinceramente d'ella espere causa alguma.

Pobre e inglorio foi o longo reinado do sr. d. Pedro 2º, que pode ser cognominado o corruptor; porque corromper em larga escala foi a sua unica missão.

Synthetizando em si e caracterizando a realeza e a monarchia, o imperador tornou-se o guzano das consciencias.

Entretanto, ha ainda quem declare a sua confiança em sua magestade, para nos tirar da mar de lama em que todo este paiz se conserva mergulhado até que se resolva a questão abolitionista!

Infantil confiança!

Se foi o sr. d. Pedro 2º quem creou essa maré de lama; se foi sua magestade quem n'ella nos atirou e nos mantém; como acreditar que d'ella nos arranke algum dia?

Esperar da velhice de um rei o que elle não teve capacidade para dar-nos na mocidade nem na virilidade, é um cumulo.

Refractario sempre às instituições de seu tempo, avançando hoje timidamente para recuar amanhã a passos largos, o imperador não pode mais ser susceptivel, marchando para o cíntado valetudinario, de uma energia que nunca revelou em outras épocas e circunstancias politicas e propriamente pessoais.

No que concerne à extinção da escravatura, o abolitionismo augusto consistia em mostrar seu imperial agrado pelas obras d'aquelles que libertava os escravizados pagando-os aos intitulados senhores.

A concepção da realeza não vai além da do fazendeiro mais ignorante e escravista.

Tanto que, para mais afirmar o seu abolitionismo, entregou o poder ao sr. de Cotelipe e a polícia da capital do imperio ao sr. Coelho Bastos, ambos como todo o ministerio, desabuados negreiros.

E conservou-os nos postos que lhes confiou, até que sua magestade adoeceu, molhou, recaio, convalesceu e finalmente partiu para a Europa deixando ainda a patria como terra de escravos!

O reinado de quasi meio século de um rei sabio, philosopho, desaparece assim, silenciosamente, da scena como o ultimo comparsa

da muito conhecida farça constitucional representativa.

E' triste.

Precisa, quanto antes ser banida do Brasil a realeza.

Parasita enorme, monstruosa; ella cresce e propagia-se no paiz, com immenso perigo para a fortuna e as liberdades publicas.

Dão, geralmente, como fui o reinado do sr. d. Pedro 2º, attento o estado mental em que s. mag. retirou-se para o velhommundo.

Mas, por desgraça nacional, a realeza continua, prolonga-se sob a regencia da herdeira presumptiva d'ela.

Assim, inaugurou-se o 3º reinado, é voz publica. Mas, esta inauguração operou-se sob os mais infelizes auspicios:

Pela conjuração dos aulicos e sob a responsabilidade e direcção nefasta do sr. de Cotelipe.

Com a agilidade com que os micos transpõem de sobre as arvores as margens de um rio, este sr. barão transpõe com a sua companhia o dominio regencial.

Era a sua mais ardente ambição.

S. ex. prosegue na administração do Estado.

A regente não vio motivos para mudar de enprezario, quando este foi depor o cargo em suas augustas mãos. O sr. de Cotelipe satisfaz plenamente o seu publico.

O imperial theatro político continua, pois, a ter o mesmo programma.

E' a mesma orde das representações e dos actores, dos quais o sr. barão é o primeiro.

Assim era preciso para que o reinado da mystificação não sofria um só momento nem nenhuma solução de continuidade.

E assim se fez indispensavel para que a ignomina e o opprobrio d'esta terra cheguem até onde a imaginação mais inventiva e diabolica jamais possa atingir e a dor e a vergonha dos patriotas não possam mais indignar os.

Consideramos o passado e observamos o presente.

Este ainda mais esteril e sombrio que aquelle patentear-se.

A decadencia da vida nacional não pôde ter mais evidentes attestações; de um a outro extremo do imperio o seu espectaculo, fatiga os olhos, entristece os corações, preoccupa os espiritos inda não embota los pela indifferença.

Das premissas que nos tem oferecido o governo da monarchia, outra consequencia não é possível deduzir-se senão o mais negro futuro da patria.

A realeza tem sido e não será mais que um architecto de ruinas.

A deplorable situação do paiz, a incapacidade demonstrada em um longo e infructifero reinado, nenhuma esperança deixam de melhor pôrvir, mas impõem aos brasileiros o dever de destuir o ninho que para a realeza, ramo das dynastias corruptas e condemnadas da Europa, teceram de bôa fé os fúltores da independencia nacional.

Exploramos da America a realeza.

Força é acabar com a unica exceção que somos na America republicana. Levantemos no continente brasileiro outra grande republica.

Porque?

Porque a monarchia é um absurdo, a negação da liberdade e da dignidade humana.

Porque a monarchia tem a realeza e a realeza é uma affronta ao senso commun.

Os poucos dias da regencia não oferecem margem a comentários. Ela navega em mar de rosas.

O ministerio vai da vento em popa.

No parlamento a nota mais vibrante foi o jogo de cristas no senado entre o sr. Taunay e o presidente do conselho: um rompimento estrondoso, digno d'um mephistophelesca hilaridade estrondosa.

O sr. de Cotelipe apenas confirmou o que todos nós sabíamos: ter sua ex. renegado o seu passado de moço, em que era doido e queria o casamento civil, o que levou o sr. Taunay a gritar:

— Maldita a hora em que sua ex. criou juizo!

Apedrejar a propria moçalide é a tabu de salvação de todos os camaleões politicos.

Bella doutrina epicurista-monarchica de que se tem valido pseudo republicanos, para envergarem a libré de ministros do rei! Esses renegados da liberdade e da democracia esculham-se de sua traição com os sonhos da mocidade.

Verifica-se o que temos aqui por vezes afirmado: a nenhuma esperança em que as idéas e projectos do sr. Taunay e outros rares membros do parlamento interessados do bem público, fizessem carreira na actual situação, ou em outra qualquer da monarchia.

Desengane-se o sr. Taunay; a granle maioria dos partidos monarchicos no imperio, não tratam senão de subir de posições pessoais e conservar-as; o interesse proprio é o seu unico ideal.

O que for de interesse nacional não é com elles.

A sua intelligencia não alcança a comprehensão d'essas causas. Quando muito se elevará a altura de aproveitarem a ultima gote de sangue, o ultimo aento de vida do escravo.

Grandes politicos e estadistas que são!

As instituições que felizmente nos regem... Que mais quer o sr. Taunay?

Na cámara baixi ha a notar-se a interpellação do sr. Maciel, não por sua importancia, mas por nos parecer um parvoice.

Nunci vimos oposição liberal mais desorientada, mais destituída de talento, de objectivo, força e cohesão do que essa que perambula pela cámara dos deputados.

A que triste e misero papel chegou a representação nacional do imperio!

Que spectaculo tedioso, desanimador nos oferecia o recinto da cámara em seus dias de sessão?

Quão diferente do que outrora foi!

Por toda a parte só se vê e se apalpa a decadencia.

A decadencia!... A grande architectura da monarchia entre nós!

Mas... transcrevemos, para gudio de anotadores, a interpellação apresentada pelo sr. Maciel, ex-ministro da situação liberal... in nomine.

«Se o governo julga possuir prestigio para tranquilizar o espirito publico, corresponder

às suas aspirações e merecer a confiança da nação».

Querem ver? Esta interpellação vai provocar a modestia do sr. presidente do conselho e seus collegas.

Com certeza.

TREPLICA

A Revista Federal honrou a Democracia e a Vida Semanaria com um replica a que por inadvertencia intitulou contestações, como se os collegas paulistas e nós tivessem ido tirar bulha com a excellentre publicação do club riograndense, quando a verdade é que fomos chaminados á falla, ainda que impessoalmente, interrogados sobre o separatismo, e admoestados por primeira vez.

Contestámos, de nossa parte, como a lingua nos ajudou, e dormimos o sonno do justo, pensando ter oferecido uma defesa moderada, respeitosa e amigável.

A replica da Revista confundiu-nos: attentámos rebeldemente contra a historia, de que não entendemos patavína; somos impertinentes e fastidiosos. Só fastidiosos tres vezes. E, oh supremo desdem unionista! — somos o inventor da polvora. (O collega diz o descobridor; talvez para mais nos punir, dando a entender que outro a inventara, e nós a descobrimos quando andava perdida).

Não temos remedio senão voltar a pedir consolações à Imitação. Lá diz o livrinho:

«Bom é que padecemos algumas vezes contradições, e que os homens pensem mal ou pouco favoravelmente de nós, ainda que obremos bem e tenhamos boa intenção. Estas causas de ordinario nos ajudam a ser humildes e nos apartam da vangloria».

Não zombe o collega, supondo ter por condutor um beato.

Somos um pobre livre pensador, desamparado da fé; mas adoramos o Livro de Job e a Imitação como os dous maiores monumentos do engenho humano.

Nas suas páginas temos apprendido a resignação e a paciencia contra a injustiça dos amigos, que é de todas a mais dolorosa.

Examinemos seriamente a nossa divergência no ponto em que a Revista a deixou.

Dissemos que a revolução de 1835 foi a mais separatista de quantas tem havido no Brasil.

No manifesto de 25 de Setembro, Bento Gonçalves, considerando terminada a revolução, que se dirigira contra o presidente e comandante das armas, lembrava que todos deviam respeitar o juramento de fidelidade à constituição, ao trono constitucional e à integridade do imperio.

Expulso o presidente, os chefes do movimento declararam terminada a revolução, e fizem protestos de adesão ao governo do Rio de Janeiro. Do mesmo modo procedeu a assembleia provincial.

Nomeado outro presidente, os revolucionarios recendo ser perseguidos, sahiram de novo a campo e deram alguns combates.

Falle agora o sr. Assis Brasil, que ha de parecer insuspeito à Revista:

«Todos perceberam logo e ao mesmo tempo que só havia um caminho que apresentava a saída de tantos embargos: era a separação da província do gremio brasileiro, com cujo governo se tornara incompativel qualquer harmonia. E assim solveu-se a crise».

O pronunciamento militar, iniciado sem intuito contrario ás instituições, creou tais embargos e perigos, que forçou os revoltosos a romperem com o imperio.

Neto acampava no dia 12 de setembro sobre a margem esquerda do rio Jaguarião, extrema do território brasileiro. Na tarde desse dia tomou a frente dos companheiros de armas e dirigiu-lhes a palavra. Disse que havia já um anno que a província estava revolucionada; que o fim da revolução era libertar-a de uma odiosa facção retrograda, principalmente composta de individuos estranhos, mas que o governo, mandando perseguir os chefes revolucionários, tirava-lhes toda a esperança de conseguir aquella aspiração; que só havia dois caminhos a seguir nas suas circunstâncias: a submissão com prejuízo da liberdade, ou a separação da província com a vitória dos principios, bem que com enormes sacrifícios; que este ultimo era o único compatível com a honra e o patriotismo; que por sua parte estava disposto a sacrificar tudo por este sentimento; que o Rio Grande, desligando-se do Brasil, formaria um estado independente, sob a forma republicana, mas que conservaria o amor antigo aos irmãos brasileiros, e aceitaria em qualquer tempo confederação de todas as outras províncias que se collocassem nas mesmas condições políticas...

Ergueu vivas à República Rio-Gradense, aos seus defensores, à religião e a Bento Gonçalves. Toda a columna respondeu com fervorosos brados.

Pedimos venia ao distinto escriptor da *Revista* para não invocar mais autoridades, nem citar outros factos. Seria fastidioso.

Bem sabemos que havia no sul alguns federalistas, rarissimos, estrangeiros e sem adeptos. A sua propaganda se deve o aparecimento da palavra federação aí ou ali, a revelar uma aspiração vaga e indefinida.

O facto que se impõe é a esmagadora evidência é que a revolução foi essencialmente separatista. Tal se proclamou, e o tal proucedeu.

Podiam as necessidades da guerra levar forças rio-granhenses à Santa Catarina, e aconselhar a separação dessa província para constituir-se estado independente, sem que a revolução perdesse o enredo separatista que a caracterizava.

Nem altera o estado da questão a promessa de aceitar em qualquer tempo a confederação das províncias que se collocassem nas mesmas condições políticas, isto é, que se fizessem estados independentes.

Não dizemos hoje outra causa. Formemos estados, se queremos felicidade.

Ha quem entenda dever esperar que o Piauí se prepare, Sargipe d'El Rei se convença, a Paraíba obtenha instruções do sr. Anísio...

E dão-se por offendidos se lembramos a opinião imperial, que é também p'la república, mas para d'áqui a cem annos!

Perguntamos ao collega:

Em que nos equivocamos desastradamente?

Qual a temível heresia que preferimos contra todos os documentos e protestos da história?

Quando procurámos erradamente encerrar em círculo estreito os intuintos dos farrapos?

A Revista tem, é certo muita autoridade para apontar os nossos erros, equívocos, desastres e heresias. Mas, tratando-se de questões em que se nos atfigura não caberem definições pontificias, nem virem de molde soluções dogmáticas, ousamos pedir-lhe que cite os documentos históricos, e prove que a revolução rio-grandense fora planejada de acordo com todas as províncias, e para a manutenção da pátria grande.

Estamos prompts à mais completa retractação, e de bom grado faremos penitência pública, abjurando as heresias que tivermos cometido.

Conte com a nossa docilidade.

NOTAS

Dr. Domingos Freire

A Democracia sauda com effusão d'alma ao illustre co-religionário e amigo Dr. Domingos Freire pela sua feliz chegada á terra da pátria e associa-se ás manifestações públicas de que dignamente tem sido alvo pelos triunhos científicos.

X

A Democracia. — Glz. Dias 32

E' este o unico endereço que nos assegura a chegada da correspondência. Costumam no entanto escrever «Ao Oficeiro do Porvir, Glz. Dias 40». Pedimos que attendam á corrigenda.

Post factum

Somos inclinados a dar razão aos indiferentes que olham para as causas públicas com o nojo e a esquivância que inspira um espectáculo repugnante e odioso.

Realmente, de que serve preocupar-se de assuntos de si condenados e notoriamente maleficos!

Ainda caberia a insistência em criticar e comentar, se houvesse uma probabilidade longínqua de concorrer ao saneamento dos males que presenciamos.

Longe disso, falar em política nos tempos que correm é signal de pouco siso e de supina ignorância; pois que deixa-se suppor que se acredita em reacção salutar e em remedio eficiente contra o transviamento colectivo.

O certo é que interessar-se um individuo em prol de ideias de perfeição e em restabelecimento de equilíbrio, equivale a ser «leuhado de mente captivo», de inimigo da sociedade, de homem sem ocupação seria e, portanto, mercador de desprimo.

Quem dá as leis e forma a opinião entre nós não são os que mais reflectem e melhor se conduzem. São, sim, os que a fortuna lhe de laços sanguíneos ou a elasticidade de consciência guindaram a uma posição onde exercem império illimitado.

Em regra, os maiores vultos da sociedade não ao mesmo tempo os mais refinados patotérios e aponta-se-lhes a origem e iminosa de sua exaltação.

Elles galgaram altura, isto é, acumularam fortuna ou abolaram-se com emprego rendoso e olham com desdém para abaixo, onde nós nos esbaforimos com lamentos e imprecações impotentes.

A sua influencia não sofre contraste, pode tudo, porque, faltando à maioria dignidade e consciencia de seus direitos, aceitam-se como grandes favores as parcas e mesquinhas concessões que aquelles fazem de tempos a tempos. A cegueira geral, por outro lado, não divisa os benefícios de um movimento harmonioso, da união e congraçamento dos esforços; de sorte que o bem de uns ha de invariavelmente constituir a antithese do de outros.

Na verdade, segundo as teorias em voga no Brasil, não ha povos mais chapados e lastimáveis do que nós, os republicanos, visto que nos conjuramos contra o modo de ver e sentir de todo uma geração que nos contempla como a *avis rara*.

E' da mesma maneira que se classificam os spiritas, positivistas, os apelidados biblias, etc., os quais todos arrancam do vulgo um sorriso de remoque e um gesto de compaixão.

Confirmam este juizo que externamos a nosso respeito, os incidentes ultimamente ocorridos com relação á doença e retirada de d. Pedro.

Não ha negar que a nação inteira permaneceu consternada durante o primeiro período, para depois entregar-se ás angustias que lhe causou a partida do homem, indigitado aliás como principal senão unico factor das nossas desgraças.

Fiem-se nas lamúrias e parlaticies de alguns gritadores!

Nós jamais seremos povo que inaugure um tribunal setembrista ou um cadafalso em qualquer praça que não seja para justiçar a algum precito Tiradentes.

Que não faltam pretextos para desculpar a *sensibilitate*, a pusilanimidade, esti bem visto. O nosso excelente carácter e a imensa filialguia de sentimentos que vibram em nosso coração deviam de facto revoltar-se pelos maus tratos e o exílio impostos não a um rei mas simplesmente a um mortal; ou, senão: não é a dor pelos padecimentos do monarca, mas a negra perspectiva de um futuro envergando que perturbava-nos a alma e a mente-lí-lade...

Perdemos uma occasião, unica talvez, de efectuar o nosso resgate, varrendo durante o intervallo da mutação de scena, os histriões que ocupavam o palco. Agora toca-nos resignar-nos e assistir a nova farça que se iniciou com summo gaudio dos que mantêm-se entre bastidores e de posses dos empregos que que havemos de custear, inda que nos desforcemos em diatribes, murmuraciones e susuros sedicosos.

Falemos sempre, embora se pareça a chover no molhado.

O mais que arriscamos é chegarmos a duvidar da nossa propria razão.

Se são tantos contra tão poucos!...

2 de Julho

Não queremos referir-nos ao patriótico 2 de Julho dos bahianos, mas ao «religioso» 2 de Julho fluminense. Marca-o a folhinha como o dia de visita de N. Senhora á sua prima Santa Isabel. Festa com assistência da corte, procissões e exposição do hospital da Misericordia á concorrência pública.

Contra o costume da exposição do hospital, ha dois annos pronunciou-se a imprensa diária pelo orgão «Gazeta de Notícias».

Com as mais sensatas e valiosas considerações demonstraram-se os inconvenientes d'este costume, taes como o vexame inútil a que se submettem os enfermos expostos á curiosidade da turba-multa, e o comprometimento da cura e da vida de muitos. Pedia-se, finalmente fosse abolido tal costume e aconselhava-se á familia imperial se dignasse não comparecer a essa exposição, visto ser a presença de suas magestades e altas personalidades o principal atrativo d'ella.

Foi pregar no deserto; o conselho não foi aceito.

Este anno repetiram-se as mesmas considerações, os mesmos pedidos, os mesmos conselhos, e do mesmo modo foi tudo em vão.

A regente e sua corte compareceram; a concorrência pública foi ainda maior.

O acesso epileptico de uma enferma em presença d'aquela multidão, veio provar o acerto das censuras e a falta de cidadade de toda aquela gente que vai alli por diversão.

O que, porém, queremos tornar bem saliente é que entre nós, nem directores, de estabelecimentos, nem povo, nem autoridades, nem governo, nem principes, acolhem censuras consulhos e pedidos formulados em bons termos, e perseveram com desdém nos erros apontados, a despeito das consequencias funestas que podem ter e têm.

Chegaram a tal ponto os nossos costumes, dos quais os principes, os governos e as autoridades dão ao povo os mais tristes exemplos, que não se pode exercer a censura com fraca esperança de algum exito, senão empregando incessantemente uma linguagem candente, d'essa de fazer chiar as carnes.

Santo Deus!

X

S. A. a Regente. Ontem e hoje

Na «America Litteraria», de Lagomaggiore, escreveu em 1875 a então, como hoje, princesa regente do imperio:

«Por seu nascimento ou outras circunstâncias especiais, pôde a mulher ser obrigada a ocupar posição eminentemente na sociedade; mas para onde a chamam de preferência as leis da natureza e os impulsos do coração, é ao lado do esposo e dos filhos, na direção do lar, junto do leito dos enfermos e ante os altares de Deus».

Não obstante esta opinião escrita, sua alteza é hoje, pela 3^a vez, regente do imperio e imperatriz em perspectiva.

Se nas duas primeiras regências exercidas por sua alteza, não pudemos notar contradicção no seu procedimento com a sua opinião escrita, porque seu augusto pae muito voluntariamente entregou-lhe a chefia suprema da nação para ir viajar fóra do imperio, assim não aconteceu agora; por quanto é voz voz publica que s. alteza patrocinou a conjuração dos aulicos, ministros e não ministros, pela qual foi sua magestade constrangido a partir, a titulo de consolidar a saúde.

«Tempora mutantur...»

Entre Conservadores

Nos arraiais do partido conservador está se passando um facto digno de atenção.

Trata-se de saber se pelo rotulo se pode aceitar o conteúdo, independente de analyse e certificado, ou se bem avisado é o prologo que diz: o habito não faz o monge.

O jovem senador Taunay, paladino de umas tantas reformas, das quais aplaudimos algumas, e não comprehendemos outras, tem sido ultimamente denunciado com insistência como isca do liberalismo.

Na cámara dos deputados o sr. Andrade Figueira declarou alto e bom som, que caminho errado segue o conservador que toma por guia o sr. Taunay.

Ora ao sr. Figueira só faltou o fanatismo católico romano para que s. ex. tenha o direito de constituir o mais perfeito tipo conservador.

Mas o illustre deputado pela província do Rio de Janeiro, se bem que autor de nota, não é autoridade canonica. Por enquanto está illeso da alta administração, e do título de conselheiro. Não é senador, nunca foi ministro, não tem assento no conselho d'estado.

Explica-se por isso, que o sr. Taunay não lhe oppuzesse contesção. O mandato vitalício não derroga a explicar-se perante o temporário.

Veio depois o sr. Mamoré, senador e ministro e fez umas anotações ás obras do senador por Santa Catharina.

Desde então a controvérsia começou a despertar curiosidade e interesse.

O illustre ministro do imperio reune seguramente qualidades muito importantes para ser juiz em tais assuntos.

S. ex., além da posição oficial que ocupa no partido e nos conselhos da coroa, tem a vantagem de conhecer bem ambas as escolas políticas, teórica e praticamente.

Por ultimo arrazoou o sr. barão de Cotegipe, pontífice maximus da seita. *Roma locuta est.*

O nobre presidente do conselho declarou formalmente que o sr. Taunay apartou-se do rebaño conservador, fóra do qual não ha salvação.

Alguns liberais não deixaram de dirigir amáveis convites ao sr. Taunay para que mudasse de acampamento.

Sua ex., porém, ficou firme como um soldado, posto que sem bandeira e sem chefe.

Aí fôr, que seria para despertar admiração e entusiasmo a pertinacia do jovem senador, se elle em vez de agarrar-se ás teias de aranha dos conservadores, ou de tonar ao serio as bandeirolas liberaes, tivesse tido a coragem de romper com todos os augures da politica imperial, e proclamar-se soldado do seu ideal, chefe da sua consciencia!

Não quiz, porém, ou não soube.

Prefere usar do argumento pessoal, opondo o Wanderley de 1810 ao barão de 1887, sem se lembrar que Wanderley era o progresso, a mocidade, a crença, e Cotegipe é a senectude, a ironia, o marco immutável.

Aquelle era o escândalo do partido, este é o seu pontífice.

O sr. Taunay não se dá por despedido da comunhão, e allega que foi eleito por conservadores,

Não parece logico. Se o jovem senador foi investido do mandato vitalício em virtude de suas opiniões, e se estas não tem o *place* dos chefes nem se justificam deante dos principios; segue-se que os eleitores catharinenses são conservadores de rotulo, como o proprio sr. Taunay.

Liberal ou conservador não é quem assim se denomina, mas quem o mostra por palavras e actos.

Não pertence a um partido quem o assevera, mas quem se conforma com suas doutrinas e autoridades.

Ninguem acredita que sejam liberaes os ss. Sinimbú, que aliás já figurou de chefe por aclamação da nobreza, Lourenço de Albuquerque e Rodrigues, ex-ministros do liberalismo, e outros. Do mesmo modo não ha quem possa chamar conservador ao sr. Alvaro Uchôa.

Nos partidos democraticos, cuja origem é a revoita, cujo princípio cardinal é a liberdade em todas as suas manifestações, comprehende-se a existencia de grupos e de atiradores independentes, tanto quanto se comprehende que o protestantismo, filho do livre exame, se fracione em inúmeras seitas.

Não estão no caso os mantenedores do trono, do altar e da area sancta.

Sua missão é conservar o legado de nossos pais, as crenças de nossos avós, as dadivas de nossos reis. Seu ofício é puxar o carro para traz, diz um dos notáveis. O mais que podem ao seculo é algum retoque nas leis ordinárias, como explicava outro chefe.

Ora o sr. Taunay, reconhecendo que o paiz está atrasado e pobre, ignorante e escravizado, arvorá logica e patrioticamente a bandeira das reformas radicais, que escandalizam os conegos do ambas as camaras, os retrogrados, os emperrados e até o liberalismo governamental.

E por obstinação ou capricho, ou falso respeito ao convencionalismo, apregoa-se genuíno conservador!

Poderia intitular-se demagogo ou absolutista, azul ou amarelo, se a escolha do vocabulário fosse inferior à evanescência da verdade, e ao decoro de que todos devemos reverenciar o pensamento na sua manifestação exterior.

E preciso retemperar o carácter nacional, acabando com os trocadilhos, pequenas habilidades e espertezas que tem constituído a política brasileira.

X

O Diário de Notícias

Em seu exemplar de 9 do corrente este ilustre contemporâneo lançou à publicidade algumas considerações em analyse ao eloquente manifesto que o Congresso Nacional Republicano acaba de dirigir a seus correligionários e à nação.

Se bem que as pretensões republicanas não causem receio, o collega, contudo, entendeu convenientemente promover, pelo exame crítico das doutrinas contidas no manifesto, a defesa das instituições que fazem a nossa felicidade.

Sob o peso de tão ruim caisa não é de admirar a inaniade e a falta de fundamento de todas quantas proposições avançou, em má hora, o illustre collega.

De relance, vejamos o valor das principais arguições:

Transcrevendo um trecho do manifesto, em que a túnica vigorosa, se pinta o artificio da nossa Carta, que de facto e de direito confere todos os poderes ao soberano, e se descreve o estado de profunda decadência material e moral que esse facto origina tanto na esfera das relações públicas como no âmbito das relações privadas; o illustre collega conclui que de tal povo não é lícito esperar um bom governo representativo, quer seja monárquico, quer republicano, porque faltam homens para ser eleitores e ainda mais estudistas com direitos a serem eleitos.

O homem moral é o resultado do meio social em que vive, como o homem físico é o produto do meio cósmico em que se desenvolve.

A espoliação criminosíssima da soberania nacional, conferida pela Carta a uma família de privilegiados, que pelo simples acaso do nascimento, tem o direito de gerir a seu talante, os altos destinos da pátria, como approuver a seus caprichos ou a seus interesses, é a causa primordial do miseríssimo estado do povo brasileiro que sabe que pelas leis fundamentais de seu paiz, está privado de todos os direitos e de todas as aspirações; essa terrível absorção da nação pelo soberano, que gera essa abjecta servidão política em torno do manípulo imperial, fonte perenne e unica de todas as posições, de todas as horas e de todas as grandezas.

E' este o processo por que se tem abastardado o nosso caráter, afroixado a nossa actividade e abatido o nosso brio. Conhecendo a impotência das nossas melhores qualidades e dos nossos maiores esforços, annullados pela própria lei, degradamo-nos na adoração fetichista do grande ídolo que n'um só instante pode-nos cumular de todos os bens e de todas as horas.

Se de tal povo não se pode esperar um governo livre, se faltam homens para exercer o sustentáculo, como o próprio collega diz, é porque assim o estatus despoticamente em suas artificiosas determinações a nossa lei fundamental. Cumpre, pois, derrogá-la para dar livre expansão ao desenvolvimento da alma na ional.

E' isto que os republicanos querem.

A nota comica da defesa monárquica, produzida pelo illustre contemporâneo, é o profundo incommodo que causou ao collega o de-

sejo manifestado pelos republicanos, em seu programa, de fazer-se a abolição dos títulos de nobreza e condecorações.

Sento-se que esta aspiração feriu cruelmente os heraldicos braços do nosso nobilissimo collega, neto em linha recta dos mais luzentes cruzados novos...

Os títulos em nosso paiz, afirma o collega, não envolvem privilégios—o que nós contestamos—é uma pieguice dos republicanos querer abolilos.

Maior pieguice parece-nos o empavesamento dos busfarinhos enriquecidos, com as fraudulagens de uma nobreza caricata e tola, verdadeiros *heróes* de opera buffa soltos no meio da sociedade para gaudio e alegria de quem os queira desfrutar.

A nobreza, que foi uma instituição seria e projectada em seu tempo, é hoje um afago à vaidade, tão parvo e inocuo, que a monarquia brasileira, com todo o seu poder, ainda não pôde fazê-la tomar a serio entre nós.

A independencia do poder judicial é uma banalidade para o collega, que só comprehende este poder subordinado completamente ao executivo, servindo-lhe como um instrumento na distribuição da sua justiça e nos manejos e decisões de todas as suas tricas eleitorais!

Triste obsecção!

O sufragio universal e a intervenção do povo em todos os negócios públicos causaram calefrios ao collega!

Quer-se instituir a *tyrannia do vulgacho vulcão e inconsciente*, exclama o collega e traça vermelhamente sinistras previsões de sangue e de desordem.

O que parece mais justo e mais ordeiro ao collega é que uns tantos, poucos, mas escolhidos, subordinados todos à vontade de um só, disponham a seu talante, de tudo quanto pertence a todos, e a todos interessa.

Ora o vulgacho... Para que serve o vulgacho? Que esclarecimentos poderá ele trazer à gente fina, à gente esperta?

Contente-se em trabalhar para encher as arcas do Thesouro, pague pontualmente os impostos, e tenha sempre a vida prompta para dar pela pátria quando os que governam julgarem isso opportuno.

Entregue a sua bolsa e a sua vida com boa vontade, ou mesmo sem ella; que essa é a sua unica missão!

Justo e admirável sistema de governo!

E ainda ha quem te defende!

Pobre Diário de Notícias!

X

Tranquillidade da laboura

Oh srs.! Pois a laboura ainda não está tranquilla?

Pois ainda vive em constantes sobresaltos, co'no dizem os srs. Affonso Penna Andrade Figueira?

E' admirável! E' incrivel!

Pois ainda quer a laboura mais tranquillidade?

Então, para que diabo servio a lei de 28 de Setembro, o falsa, a celeberrima lei Saraiva Cotegipe?

Homen, essa!

Ainda ha propaganda abolicionista? Pois aquella lei, a sobredita, não foi propositalmente concebida, gerada, parida e educada para ser a assassina da tal propaganda?

Como é isso, sr. Andrade Figueira? Será certo que a laboura não pode aproveitar tranquilamente o ultimo osso dos negros que lhe restam?

Nesse caso, meus senhores tranquilizadores da laboura, porque não fazem outra lei?

Façam, enquanto é tempo. Está proximo o outro 28 de Setembro. A nova lei poderá ser assim:

Nenhum escravo poderá ser liberto senão depois da morte.

X

Estudos Económicos

Sob esta rubrica, temos sobre a mesa importantíssimo trabalho de cavalheiro estudioso e proficiente.

Começaremos no proximo numero a publicação e esperamos que o leitor felicitar-se-ha connosco de poder apreciar tão valiosa offerta

Congresso republicano

Convocado para 30 de Junho proximo passado, reunio-se efectivamente n'esse dia, no salão do Club Tiradentes, o congresso republicano, e funcionou até 5 do corrente, dia em que encerrou as suas sessões.

Das medidas tomadas pelo congresso, as mais importantes são as que concernem à imprensa republicana n'esta capital e ao manifesto que acaba de dirigir ao paiz.

A necessidade de um órgão diário do partido não precisa ser encarecida, afim de todos os republicanos comprehendem o dever de contribuir para fundá-lo e imprimir-lhe estabilidade e força.

Fazemos os votos mais ardentes para que o órgão do partido republicano n'esta capital, possa ser em breve uma realidade.

No proximo numero d'esta folha daremos publicidade ao manifesto e aos demais trabalhos do congresso.

X

4 de Julho

Enviamos nossas saudações ao grande povo norte-americano, pelo 11º aniversario de sua independencia.

Com tanto maior jubilo o felicitamos, quanta é grande a nossa admiração pela sua energia, laboriosidade e amor ás instituições livres e profunda a sympathia que lhe votamos pelas qualidades excepcionaes que o caracterisam e o constituem o primeiro povo da terra.

Sirvam-nos ao menos a felicidade e a grandeza que soube construir em sua pátria, de consolação e estímulo a nós, que vivemos tristes, pobres, abatidos no seio de um vasto e esplendido continente.

Povo que tudo fizestes e tudo fazeis sem rei, nem realeza, recebei nossos aplausos no aniversario da grande data de vossa historia.

MANIFESTO

Sr. Redactor d'A DEMOCRACIA

Acetando com prazer o vosso jornal, procurando cumprir o dever de manifestar-vos pela elevada protecção que nobremente derramaram com esmero, embora seja tarefa bastante ardua aos olhos dos que só visam o interesse particular.

E' honroso fertilizar os espíritos abatidos com o cunho da verdade para erguer os refractários ao legitimo meio de representação nacional e voltarem com vivos protestos contra os desmandos vexatorios que só tem servido para esterilizar e levar ao nível do nada este paiz perante os outros.

As inúmeras descobertas e a grande lanterna que nos guiará a alcançar no porvir as laureas conquistadas e de que somos devedores ao Proto-Martyr Tiradentes, que guardando nos corações bem formados, martellando o cérebro há quasi um século, dia e noite sem cessar, pregando e exigindo-nos com toda a justiça o premio que em vida não pôde obter.

A descrença dos povos constitue a fé, a confiança, o alimento e a base dos governos illegitimos.

Tal é a chave da politica que tem posto um esmero singular em desacreditar homens, instituições e princípios.

Desolvidos pelo influxo deleterio de um poder corruptor, que entretem as ambições e mystifica os partidos, sem cunho proprio e direcção conhecida, estes vogam ao acaso como abandonados esquifes nos mares da opinião.

Princípios, crenças, cohesão e energia, tudo perderam. A acha do poder reduziu-os a detrictos e amontou-os em ruínas.

Mas não está tudo perdido. O patriotismo, a coragem, as crenças, a honra transmigraram, renascem no coração do povo e das gerações que sucedem.

Os decretos dos destinos não raro se oferecem sob o aspecto de um motejo.

O poder que tudo pode planejando a ruina da nação, prepara elle proprio a queda de suas usurpações.

Coragem, energia! o que vemos não é a morte, é a transformação é a vida é o brôto vigoroso dos princípios, que não morrem, rompendo as vestes caducas de um sistema condenado.

Dos perigos que ameaçam a carcomida e vacilante monarquia, nenhum até agora tem sido mais temível d' que a propaganda republicana.

Com raízes invulgar se propagou nos extremos do corrompido império, congregando em torno da sua bandeira cidadãos conspicuos e amantes do paiz, canudos e enojados das astúcias e vacilações do imperialismo, que disfarça com mal aliadas apparencias o espetro repulsivo do despotismo, que já tem custado tanto sangue e ouro inutilmente.

Comprar os republicanos, amordalhá-los com honras e distinções é tarefa tão impossivel como a de encadear o espírito, a de prescrever ao espírito que não pense, que estacione permanentemente deante de um homem a grotescamente vestido de um juiz que só deveria ter cabida n'algum guarda-roupa de mascarados.

Toda a receita do Brasil com o sobre-peso dos ridiculos, títulos e condecorações, hoje unicamente desejado pelos nescios e acidiosos, não bastariam para deter um momento a onda do pensamento que se encapella e rugue nas profundezas da consciencia publica prestes a deruir o trono.

Nesta critica situação a monarquia lança mão da unica arma que lhe resta contra o rapido progresso das idéias democraticas.

Chama á defesa de seus bastardos interesses a multa, sempre famintos dos escribas vulgares e da imprensa mercenaria, com o intuito de oppor a propaganda da monarquia á propaganda republicana.

Planta exótica, transplantada do velho mundo, a monarquia não pode medrar no solo virgem da America, filha dilecta da democracia.

A moçidade entusiasta sauda os apostolos das novas idéias, e agrupando-se em torno da bandeira democrática, trabalha com toda a pureza e sinceridade de corações ainda não eivados de corrupção, em preparar o paiz para uma mudança radical de forma de governo sem as convulsões de um cataclismo, sem effusão de sangue, que todos nós desejamos poder evitar.

Assim os monarquistas preparam uma estrada por onde melhor possam firmar a jornada politica e terem juntos de si, ao inferno de um viver cruelo os que, errônea ou introssiramente acompanham, afirmam e convencendo-os que o governo republicano será hostil, opressor, anarchico, demolidor e que nunca mais haverá garantia para o cidadão.

Diz Gambetta em seu discurso de Grenoble perante numeroso auditório que o aplaudia freneticamente:

«H'je é preciso descor ás camadas ás ordens profundas da sociedade; é preciso comprehender que só da discussão manifestada, contradictada, e que tem a encontrar tantas afirmações, quantas negações pôde apresentar a opinião—pois a democracia não é governo da uniformidade, nem d'essa disciplina passível ideal dos outros partidos; é o governo da liberdade de pensar da liberdade de agir.

«D'ahi, conseguintemente, a necessidade de perenne comunicação de todos os cidadãos entre si quando o queiram ou como queiram sob a condição unica—condição unica—de deliberarem pacificamente, sem armas, como diziam os primeiros legisladores da Revolução Franceza, assim de não fornecerem a outrem a tentação de violar o direito dos mís.

Portanto o vosso jornal brillará e transcurará impolluto no continente da America e fora; porque, não é uma luz opaca ao solo que se deve presar em ser pelos outros considerada como legitimamente o é, fertil de intelligencias notáveis, as quais mais tarde compactas pelos sentimentos d'alma, consolidarão aos reclames que illustremente acclamaes e apatrocinaes pela grandiosa invenção de Gutemberg.

O obscuro cidadão que vos felicita n'este canto do continente tem momentos de recordações como a que teve Franklin pela invenção do para-raios; porém, estas com a palavraria pela imprensa; defendereis os nossos princípios condenando os abusos descommunal-

mente introduzidos n'este paiz, e eu, longinquamente observarei com o telescopio da prudencia e do progresso até que toquem a metade da verdade e seja arvorada a bandeira da Republica para gloria dos Brasileiros.

Vosso conreligionario
ANDRE' AUGUSTO JOHANNY.
Marianna, 15 de Junho de 1887.

PENSAMENTOS DESTACADOS

O dia mais feliz da minha existencia seria aquele em que eu pudesse salvar a vida do meu inimigo, sem perder a minha propria...
ca va sans dire.

Seria loucura dar a vida a meus inimigos, quando meus amigos d'ella precisam.

Um physiologista, contrariando a doutrina de Darwin sobre a origem das especies, sustentou vantajosamente que o homem não descende do macaco, visto constituir elle uma especie de macaco, muito imperfeita. Na verdade, não consta a existencia, entre nossos supostos progenitores, de crimes celebres, de reis tyrannos, de guerras sanguinarias, das perfidias e traições tão communs na especie humana. Physica e moralmente, a sua sociedade é tão democratica, que nem comprehendem essas monstruosidades que nos affligem, sem termos podido abolir-as: o altar, o trono, o jesuita, a força.

Assim pois ficou provado
Que o orangotango, o barbado,
São nossos superiores;
Porém não progenitores.

Os pensamentos mais intimos de uma donzella, incluindo as mal definidas tentações, que lhe fazem pulsar o coração ainda puro, constituem tesouro precioso, digno de ser confiado a Deus e, mais tarde, ao esposo escolhido. Aquella, que ajoelha-se no confessionario para manifestal-o a um padre, desquita-se do seu criador e perde a virgindade moral.

O homem, para ser feliz na sociedade deve ser reservado sem ser jesuita; comunicativo sem ser sacco roto; generoso sem ser perdulario; valente sem ser fanfarrão; prudente sem ser medroso; independente sem ser orgulhoso, alegre sem ser galhofeiro, serio sem ser triste, amante sem ser apaixonado, sabio sem ser impostor: *voilà le bien heureux!*

SYNOPSIS

DAS CARACTERISTICAS DO IMPERIO

(Continuação).

Seguem os tramites dos seus maiores a turba-multa dos vadios, as pandilhas de indigesto saber, as quaes, entretecendo a intriga, realisando os passes dos pelotiqueiros de feira, a sacudir os guizos, a menejar os thuribulos de vergonhoso atraso e valimento, floreiam lentejoulous de seu pedantismo e incompetencia...

A impostura coroada dos laureis do civismo e do saber, o orgulho sem caracter, a vaidade, a philaucia, o culto idolatra do Eu, a deshumanidade, tripudiam por toda parte...

Dos instintos dos habitantes se apodera multiplice e phrenetica a tavolagem, ora como expediente de vida, ora como industria suicida do pensamento, e evidente narcoticó de consciencia fraca, viciosa, infeliz ou perversa.

O despotismo empavona-se, alardeia com a oligarchia; o não senso de suas concepções, provoca aplausos dos alcatoes, e, ao ruido das acclamações compradas, conspira contra os direitos, conculta os explorados, e roda os carros da irrisão, cobertos de filigranas, como se fossem redes de abordagem oppostas aos eternos, aos inilludiveis assaltos da razão instruida e livre, luminosa e indomita!...

A corrupção e a arte dos sycophantas, mudos ou parlendarios, pretendem a suzerania, o feudo de todos os empregos publicos, de de todas as funcções do Estado...

Ai! dos que não reiterassem, dos que não reiterem freqüencias às escadas e alcovas ou saguões dos fallacios palacios; ai! dos que não fizerem affair dinheiro às bancas e às carteiras dos pretensos servidores do Estado, isto é, dos co-reus incumbidos da collecta multiforme para elles mesmos e para os conreligionarios da hydra da venalidade...

Surge aqui o tartufismo religioso, incubam-se alli as embrutecentes praticas do paganismo transvestidas, traidoras, intolerantes e intoleraveis...

Aviventam-se aquelles lórvos processos medievios pelo ascendente dos quaes o sacerdicio tem calculado, em toda parte, firmar seu predominio exclusivo, como sociedade soberana e com chefe estrangeiro, no meio de todas as demais sociedades de que, aliás, requestara, sollicitou sempre, tem sempre subtrahido e usurpado privilegios, para sustentar - se e explorar-as no decurso dos séculos...

Envernisam-se, além, os anachronismos odiosissimos, as tradições nefastas romano-byzantinas, os sombrios methodos de mysterio e delação do governo de Veneza...

O luxo de oprobriosa origem e os festivaes os risos e alegrias sem causa decente e racional, os tentamens, dir-se-hia quasi como um sudario dissimulador de equivocas elevações, de ridencias apotheoses, de subtils e deploraveis grandezas, transparentes misérias!...

A mais soez immoralidade, a mais vil devassidão, o cynismo e a libertinagem bestiales, o interesse do mal pelo mal, se cultivam, as escancaras entre as chusmas da plebe, nos regimentos dos cortesãos e entre a apregoada aristocracia, tanto quanto entre os inquisidores, os familiares, os malsins, os officiaes do Santo-Officio monarchico religioso entre os promotores do *auto da fé* social para tormento e morte à liberdade, à igualdade, à fraternidade humana...

SECÇÃO LITTEARIA

Nuvem maldita

Scintilla no meu cérebro o talento,
N'elle fervem confusas mil idéas;
Uma nuvem as prenhe em suas teias,
Estorvando o labor do pensamento.
Embalde exponho o crâneo a frio vento,
Abelhas em desordem nas colmeias,
Em vez do doc mel tiram das veias
O fel amargo de cruel tormento.
As idéas—abelhas se enfurecem
No cortiço ideal, loucas, zumbindo;
Do raciocínio os flos já não tecem.
A luz da intelligencia vai sumindo,
Nada mais os sentidos lhe fornecem;
O phantasma da morte surge rindo.

NOTTTO (Lyro).

A FORÇA DO DESTINO

IX

A ESPONJA NO PASSADO

Depois que perdeu o emprego e tornou-se francamente amante de Julian, Manoel Martins não tratava de seguir nenhuma profissão. Dava-se mais a ociosidade que ao trabalho. Como acontece a muitas mulheres que amam, a viúva era pária de uma dedicação digna de um poema: se fora mais elevado o alvo de seus sacrifícios, e entregava-se corajosamente aos mais rudes labores phisicos para subsistencia sua, dos filhos e do amante. Enquanto Manoel Martins andava sempre faro e catita, Julian e os filhos viviam quasi em miseria.

Deve-se acreditar que ella não julgaria isso uma escravidão qual aquella a que não se quizera submeter com o segundo casamento.

Não obstante, entendeu o rapaz que a carga pesava-lhe de mais, justamente por ser elle apenas um zangão n'aquelle cortijo.

Um bello dia sahio como de costume, mas não voltou à casa n'esse dia, nem no segundo, nem no terceiro. A ausencia, passando de dias a meses chegou a exceder de um anno sem novas nem mandado.

Muito se affligiu a principio Julian, imaginando que tivesse elle sido vítima de alguma desgraça, mas depressa se convenceu do contrario e outra foi então a sua magua.

Um ou outro boato corria; ora o davam no sertão, ora no Recife, ora na Bahia.

Assim passaram-se dois annos para a viuva. Em silêncio tragava Julian este abandono, uma injuria que a punha e humilhava dolorosamente.

Encerrava-se no seu quarto e antes de deitar-se chorava horas inteiras. Recordava-se então do mal, que por amor de Martins praticara em casa do tenente, reflectindo que o que agora lhe acontecia não era mais que uma vindicta do destino. Foi então que a consciencia, parecendo emergir de um grande pelago, se lhe tornava momentaneamente clara e integra.

Consolou-se com o tempo e por fim deliberou mudar de terra. — Já agora, ora adeus! vamos tentar fortuna.

Preparou-se o melhor que pôde e partiu para o Rio de Janeiro muito antes do tenente Lins. Os filhos...esses ficaram em Santa Luzia do Norte entregues a uns parentes pobrissimos.

O seu inicio no Rio de Janeiro foi um sucesso. A sua belleza e sua graça fizeram furor na roda dos leões. Não passou-se muito tempo que não se visse bem collocada à sombra de um rico capitalista, cuja bolça não trazia para elle apertados os cordões... Julgara-se então feliz e bem compensada das antigas amarguras na província.

Estava n'esta risonha situação quando encontrou-se com o tenente Lins.

Pouco conversaram durante o trajecto dentro do carro que os conduzia à casa de Julian; mas foi quanto bastou para que ficassem conhecendo reciprocamente a situação de cada um.

D'elle não conseguiu mais a viuva sinão isso: acompanhal-a até a sua porta.

Lins não aceitou ingresso, a despeito das mais amaveis e quasi supplicantes diligencias. Recusou todos os serviços e obsequios que elle lhe ofereceu para quanto precisasse.

— Vejo que ainda guarda sentimento. Não deixa de ter razão; mas não deve tambem ser inexoravel agora. Quem fez o mal, que foi socorrer-me ha pouco, pode fazer o menos... desejava tanto ter noticias de nossa gente.

— Desculpe-me, minha Senhora; para ontra vez; agora é impossivel.

— Minha Senhora? Para que esta cerimonia? O'he... attenda...

— Tenha paciencia; absolutamente não posso hoje; virei outro dia, sim?

— Quando?

— Qualquer dia. Adeus.

Retirou-se apressado o tenente, pedindo a Deus não encontrar-se mais com Julian.

Esta ficou um momento sobre o primeiro degrau da escada, meditativa, depois subiu devagar, um pouco triste, sentindo-se como que humilhada pela tenaz recusa do tenente.

Ao seu aposento recolheu-se Lins a murmurar:

— Que interesse tem esta mulher em reconciliar-se commigo? Para que? Quer que eu passe, certamente, a esponja no passado.

E poz-se a cantarolar entre dentes uma sextilha provinciana:

Pois não: está servida;
N'esse feio passado
A esponja ja passei;
Está tudo apagado:
Não saiba ella de mim,
Tambem d'ella não sei.

(Continua)

ANNUNCIOS

ATELIER CAÑIZARES

Offerece ao respetável publico retratos a oleo, crayon, decorações de templos, vistas de fazendas, etc., etc., tudo com a maior perfeição e a preços razoaveis.

40 RUA DE GONÇALVES DIAS 40

BIBLIOTHECA THEATRAL

Collecção de peças de theatro que mais voga tem feito nos theatros da Corte e Províncias, editadas pela livraria Serafim

73 — Rua Sete de Setembro — 73

RIO DE JANEIRO

DRAMAS, OPERAS, COMICAS E OUTRAS PEÇAS DE GRANDE ESPECTACULO

Peças de Arthur Azevedo

Fatia, opera burlesca.....	1800
A princesa dos Cajueiros.....	1800
Abel, Helena.....	1800
A filha de Maria Angu.....	1800
A casadinho de fresco.....	1800
Jerusalém libertada.....	1800
Por um tris coronel, proverbio em 3 actos.....	500
Amor por annexis.....	500
Uma vespera de Reis	500

Eduardo Garrido

Boccacio.....	1800
Viagem á lua.....	1800
O jovem Telemaco.....	1800
A Mascote.....	1800
Os sinos de Cornevide.....	1800
Sônhos d'ouro, peça fantastica em 3 actos	1800
Os Trinta Botões.....	500
Por um triz.....	500
Quasi que se pegam !.....	500
Um alho.....	200
O meu amigo banana.....	200
A bengala.....	200

Coração e Genio, drama familiar, pelo

Dr. Pires Ferrão	1800
As duas orphãs, celebre e importante drama em 5 actos.....	1800
Aimé ou o assassino por amor, bello drama.....	1800
A Judia, notavel drama de Pinheiro Chagas.....	1800
A morgadinho de Val-flôr, pelo mesmo	1800
Os Lazaristas, drama em 3 actos por Antonio Ennes.....	1800

Comedias, com e sem damas

Antes do Baile, comedia em 1 acto.....	500
Judas em Sabbath d'Alleluia, celebre comedie de costumes nacionais por Penna.....	500
Os dous ou o inglez machinista, pelo mesmo.....	500
A Morte de Galo.....	500
Quasi ministro.....	500
A joia das juias.....	500
Um diabrete de 10 annos.....	500
Um idioma.....	500
Uma prima e tres bordões.....	500
Um quarto com duas camas.....	500
O magô's e o bispo.....	500
Club Godipan.....	500
Dous alraz de um.....	500
Beata do mantilho.....	500
Bolsa e Cachimbo.....	500
Um marido victimas das modas.....	500
Uma criada impagavel.....	500
Cumes de um velho.....	500
Resonar sem dormir.....	500
Por um triz.....	500
A ordem é resonar.....	500
O di	